

Entrar em Ação para a Educação Inclusiva

Reflexões e Propostas dos Delegados



EUROPEAN AGENCY
for Special Needs and Inclusive Education

ENTRAR EM AÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Reflexões e Propostas dos Delegados

Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva



A Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva (a Agência) é uma organização independente e autónoma, apoiada pelos países membros da Agência e pelas Instituições Europeias (Comissão e Parlamento).



Cofinanciado pelo
Programa Erasmus+
da União Europeia

O apoio da Comissão Europeia para a produção desta publicação não constitui um aval do conteúdo, que reflete apenas as opiniões dos autores, não podendo a Comissão ser responsabilizada por qualquer utilização que venha a ser feita da informação nela contida.

As opiniões expressas neste documento por qualquer indivíduo não representam necessariamente as opiniões oficiais da Agência, dos seus países membros ou da Comissão. A Comissão não é responsável pela utilização que possa ser feita da informação contida neste documento.

Editores: Victoria Soriano e Mary Kyriazopoulou, Funcionários da Agência

São permitidos excertos deste documento desde que devidamente referenciada a fonte. Este relatório deve ser referenciado da seguinte forma: Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva, 2016. *Entrar em Ação para a Educação Inclusiva: Reflexões e Propostas dos Delegados*. Odense, Dinamarca: Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva

Tendo em vista uma maior acessibilidade, este relatório está disponível em 23 línguas e em formato eletrónico acessível no Web site da Agência: www.european-agency.org

ISBN: 978-87-7110-612-1 (Eletrónico)

ISBN: 978-87-7110-589-6 (Impresso)

© **European Agency for Special Needs and Inclusive Education 2016**

Secretariado
Østre Stationsvej 33
DK-5000 Odense C Denmark
Tel: +45 64 41 00 20
secretariat@european-agency.org

Delegação em Bruxelas
Rue Montoyer, 21
BE-1000 Brussels Belgium
Tel: +32 2 213 62 80
brussels.office@european-agency.org

www.european-agency.org



ÍNDICE

PREFÁCIO	5
INTRODUÇÃO	6
REFLEXÕES E PROPOSTAS DOS JOVENS DELEGADOS	8
Mensagens-chave e recomendações	9
1. <i>Tudo sobre nós, connosco</i>	9
2. <i>Escolas sem barreiras</i>	11
3. <i>Quebrar os estereótipos</i>	15
4. <i>Diversidade é a mistura, inclusão é o que faz a mistura funcionar</i>	17
5. <i>Tornar-se cidadãos plenos</i>	20
COMENTÁRIOS FINAIS	22



Figura 1. Bandeiras dos países membros da Agência



PREFÁCIO

Os países membros da Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva (a Agência) acordaram realizar uma Audição Europeia em 2015.

Foi a quarta Audição organizada pela Agência. Duas das Audições anteriores tiveram lugar no Parlamento Europeu, em Bruxelas (2003 e 2011), enquanto que o outro evento teve lugar na Assembleia da República, em Portugal, em cooperação com o Ministério da Educação português e no âmbito da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia (2007).

O evento de 2015 foi organizado em estreita colaboração com a Presidência Luxemburguesa do Conselho da União Europeia e com o Ministério da Educação Nacional, da Infância e da Juventude do Luxemburgo.

Setenta e dois jovens, com e sem necessidades educativas especiais e/ou deficiência, foram convidados a refletir e debater como a educação inclusiva foi implementada nos seus ambientes educativos. Os resultados dos seus debates produziram bons exemplos para ações relativamente à educação inclusiva.

Cerca de 250 participantes e partes interessadas de 28 países membros da Agência, assim como decisores políticos e representantes de instituições europeias e internacionais, estiveram presentes no evento.

A Agência elaborou este relatório com base nos debates dos jovens, e os resultados foram apresentados na sessão plenária.

Para a Agência, foi um prazer e uma honra organizar este evento. Gostaríamos de agradecer, em especial, aos 72 jovens delegados, assim como às suas famílias, professores e pessoal de apoio, aos ministérios da educação, aos representantes das organizações europeias e internacionais e, finalmente, ao Ministério da Educação Nacional, da Infância e da Juventude do Luxemburgo pela sua participação e empenho. Não teria sido possível organizar um evento tão importante sem qualquer um deles.

Per Ch Gunnvall
Presidente

Cor J.W. Meijer
Diretor



INTRODUÇÃO

No dia 16 de outubro de 2015, a Presidência Luxemburguesa do Conselho da União Europeia acolheu a quarta Audição da Agência, intitulada 'Educação Inclusiva – Entrar em Ação!'. Setenta e dois jovens oriundos de toda a Europa, com e sem necessidades educativas especiais e/ou deficiência, tiveram a oportunidade de debater a forma como as suas escolas e comunidades garantem a educação inclusiva.

No seu discurso de abertura, Claude Meisch, Ministro da Educação Nacional, da Infância e da Juventude do Luxemburgo, referiu a publicação da *Carta do Luxemburgo* em 1996 como resultado da cooperação europeia no domínio da integração educativa. O ministro expressou a sua satisfação pelo facto de, quase 20 anos após a publicação da *Carta*, o Luxemburgo estar a coordenar as *Recomendações do Luxemburgo* resultantes da Audição de 2015, que iria apresentar aos seus colegas no Conselho de Ministros da Educação em 23 de novembro de 2015. O senhor Meisch incentivou os jovens delegados a aproveitar a oportunidade para se expressarem livremente e apresentarem as medidas inclusivas de que beneficiam nas suas escolas, bem como os aspetos que necessitam ser melhorados. Também sublinhou os principais desenvolvimentos e melhorias relativamente à inclusão no sistema de ensino do Luxemburgo.

Na sua apresentação, Marianne Vouel, Diretora do Departamento de Educação Especial do Ministério da Educação Nacional, da Infância e da Juventude do Luxemburgo, declarou explicitamente que os profissionais e decisores políticos partilham as mesmas preocupações que os alunos, e que estão a ser feitos esforços para melhorar a qualidade da educação. Deve ser dado ênfase aos alunos com necessidades mais complexas, uma vez que estes também merecem visibilidade. Marianne Vouel salientou que todas as pessoas são diferentes, e que têm necessidades diferentes. Um dos grandes desafios para os sistemas de ensino é estar sensibilizado e saber responder à diversidade.

(O texto integral das apresentações dos representantes oficiais do Luxemburgo está disponível no Web site da Audição <https://www.european-agency.org/events/takeaction>.)

O evento teve como objetivo capacitar os alunos e garantir o seu envolvimento na elaboração das políticas de educação. O objetivo era que os alunos de 15/16 anos de idade, provenientes de 28 países membros da Agência, apresentassem a forma como a educação inclusiva é implementada nas suas escolas e ajudassem a identificar a evolução da educação inclusiva desde a primeira Audição, realizada em 2003.



Esta Audição teve como ponto de partida os resultados das três Audições anteriores da Agência, que tiveram lugar em Bruxelas (2003 e 2011; <https://www.european-agency.org/events/young-views-on-inclusive-education-european-hearing-2011-brussels>) e em Lisboa (2007; <https://www.european-agency.org/events/young-voices-meeting-diversity-in-education>). Mais de 240 jovens, que representam o ensino secundário, profissional e superior, participaram nas três Audições anteriores.

Tendo em vista a preparação do evento, os 72 jovens participantes receberam um documento com os principais resultados das três Audições anteriores, assim como algumas perguntas para reflexão e debate nas respetivas escolas.

As perguntas para debate referiam-se à forma como as suas escolas os apoiavam na sua educação, exemplos de como os professores e colegas tinham as suas necessidades em consideração, a acessibilidade, a organização das salas de aula e sugestões sobre formas de ultrapassar barreiras ainda existentes para a inclusão.

Durante a Audição, os jovens alunos, divididos em seis workshops, tiveram a oportunidade de debater ainda mais estas questões e perguntas-chave, partilhar as suas experiências pessoais, e também transmitir mensagens dos seus pares.

Os principais resultados dos debates dos workshops foram apresentados na sessão plenária, sob a forma de mensagens-chave, e serviram de base para a formulação das *Recomendações do Luxemburgo*.



REFLEXÕES E PROPOSTAS DOS JOVENS DELEGADOS

Os resultados da Audição de 2015 estão alinhados com e baseiam-se nos resultados das três Audições anteriores organizadas pela Agência em 2003, 2007 e 2011. Os resultados destas Audições anteriores reportaram progressos em matéria de educação inclusiva nos diferentes países europeus.

A Agência desenvolveu um conjunto de conhecimentos baseado nos principais resultados dos debates dos jovens alunos nas três Audições anteriores. Isto levou também a alguns princípios que deverão ser tidos em consideração ao implementar a educação inclusiva. Estes incluem:

- **Princípios orientadores sobre direitos relacionados com:**
 - *Respeito*: o direito a ser respeitado, estar totalmente envolvido em todas as decisões que lhe dizem respeito e não ser discriminado.
 - *Qualidade e equidade na educação*: o direito a receber uma educação de qualidade, igualdade de oportunidades na educação e a receber apoio adequado para permitir o acesso e a participação plenos em atividades educativas e nas escolas com o seu grupo local de pares.
 - *Vida social e profissional*: o direito a viver de forma independente, a ter uma família, a ter uma casa adaptada, a continuar os seus estudos (universidade), a conseguir um emprego e a não estar separado das pessoas sem deficiência em todas as áreas da sua vida.
- **Princípio-chave sobre os benefícios da educação inclusiva:**
 - Adquirir mais competências sociais, aprender a viver junto dos seus pares, aprender a ser mais forte e mais independente – lutar contra a discriminação e estereótipos –, aprender a orientar-se no mundo real e estar mais bem preparado para, no futuro, encontrar um emprego. É o primeiro passo para se tornar um membro pleno da sociedade. A educação inclusiva é benéfica para todos – abre-se um mundo novo e a diversidade é positiva.

Na Audição de 2015, os jovens expressaram a sua satisfação geral com a educação recebida. Contudo, também destacaram os pontos fracos existentes na sua educação e apresentaram algumas propostas concretas. A situação da educação reportada pelos jovens, assim como as suas propostas, foram compiladas e resumidas e constituem a base para as *Recomendações do Luxemburgo*. As recomendações têm como objetivo apoiar a implementação da educação inclusiva como sendo a melhor opção, desde que existam as condições necessárias. As

recomendações estão agrupadas em cinco mensagens importantes que os jovens expressaram durante os seus debates e apresentação de resultados.



Figura 2. Jovens delegados e outros representantes na Audição Europeia

Mensagens-chave e recomendações

1. *Tudo sobre nós, connosco*

A primeira mensagem – *Tudo sobre nós, connosco* – diz respeito ao envolvimento direto dos jovens alunos em todas as tomadas de decisão que lhes dizem respeito:

- As vozes dos jovens, assim como das suas famílias, devem ser ouvidas e tidas em consideração em qualquer tomada de decisão que, direta ou indiretamente, lhes diga respeito.
- Os jovens devem ser questionados quanto às suas necessidades.
- As organizações de juventude devem ser sistematicamente envolvidas.

Os jovens expressaram claramente que eles e as suas famílias precisam de estar envolvidos ativamente e precisam de ser ouvidos antes de as decisões serem tomadas, tendo em consideração as suas necessidades reais e desejos. Da mesma forma, defendem o papel positivo desempenhado pelo envolvimento sistemático das diferentes organizações de jovens e de pessoas com deficiência. Consideram



estas organizações como sendo fundamentais no apoio que lhes prestam. Os conselhos de alunos ou os parlamentos de alunos das suas escolas têm um papel diferente. A participação e o envolvimento dos jovens nestes conselhos são vistos como uma forma importante de estarem totalmente envolvidos na vida escolar, e são fortemente encorajados.

Exemplos apresentados pelos delegados

Envolvimento dos alunos e das famílias:

Quando são efetuadas novas estratégias, é necessário incluir os jovens (com necessidades educativas especiais) na elaboração de políticas em todos os níveis, desde o governo até a prática quotidiana. Ter as necessidades individuais em consideração (Amund e Helene, Noruega).

É muito importante que os pais sejam envolvidos nas decisões que dizem respeito aos seus filhos (Jack, Reino Unido – Irlanda do Norte; Kristina, Eslováquia).

Conselhos de alunos:

Sinto-me incluído na sala de aula. Sou membro do conselho de alunos e fui eleito pelos meus colegas. Tenho um professor de apoio que me apoia (Andrea, Malta).

Temos o conselho de alunos na escola focado na cooperação com os alunos com necessidades especiais. As crianças que fazem parte do conselho escolar têm uma participação especialmente ativa (Agné e Kornelijus, Lituânia).


Valorizo um conselho de alunos no qual posso dar a minha opinião sobre os planos (Blake, Irlanda).

Saul foi escolhido para ser o ‘delegado’ (alta posição no conselho de alunos) através dos votos das crianças na escola (Alexander e Saul, Reino Unido – Inglaterra).

Envolvimento das organizações:

No meu país, temos uma associação nacional. Através desta organização, resolvemos alguns dos problemas. Legendagem, que é muito importante para as pessoas com deficiência auditiva. A organização obtém filmes e legenda-os (Javier, Espanha).

No meu país, existe uma organização muito boa. Por exemplo, tem turmas para



alunos com deficiências que não podem acompanhar uma turma normal. E têm direito a estudos na organização. Também temos outra organização chamada 'lar dos cegos' que realmente melhora a vida das pessoas cegas (Céline e Florence, Luxemburgo).

No meu país, existe uma associação para pessoas que não podem ver bem ou que são cegas. Esta associação dá-me a oportunidade de ler no meu computador. Através do meu iPad ou computador, leio informação (Lorenzo e Matteo, Itália).

No meu país, existem associações especiais para ajudar as crianças com deficiência. Promovem soluções para os problemas e cooperam de perto com o Ministério da Educação (Georgia e Minas, Chipre; Stefanos e Georgios, Grécia).

No meu país, existe uma sociedade para a dislexia. Têm um Web site especial para informar as pessoas sobre os pontos fortes e fracos da dislexia (Erazem e Primož, Eslovénia).

Penso que devíamos contactar os políticos e tentar dar o máximo apoio possível a estas organizações. Desempenham um papel positivo nas nossas vidas. Ajudam-nos a defender os nossos direitos. Ajudam-nos a aumentar a sensibilização da sociedade (Adrià, moderador, Espanha).

2. Escolas sem barreiras

A segunda mensagem – *Escolas sem barreiras* – refere-se à eliminação de todas as barreiras físicas e técnicas:

- Já foram ultrapassadas muitas barreiras nas escolas, mas todas as barreiras devem ser eliminadas de modo a ser fisicamente possível chegar aos centros educativos locais, aceder-lhes facilmente e movimentarmo-nos à vontade no seu interior.
- Os edifícios escolares submetidos a reconstrução ou modernização devem respeitar os princípios da acessibilidade, como a criação de espaços multifuncionais e/ou calmos nas escolas, assim como aumentar a disponibilidade de equipamento educativo flexível.
- Devem ser disponibilizadas ajudas técnicas e materiais educativos adequados em conformidade com as necessidades individuais.

Os jovens discutiram quatro questões. Em primeiro lugar, chegar aos centros educativos ainda pode ser um desafio. A utilização dos transportes públicos é a opção preferencial, mas isto significa que precisam de ser adaptados. O transporte



especial é visto como uma alternativa apenas quando não existe outra opção. De acordo com os jovens, a falta de transporte conveniente parece ser um fator, entre outros, que impede os alunos de frequentar a sua escola local.

Em segundo lugar, os jovens reportaram que o acesso às escolas melhorou. Expressaram uma satisfação clara pela adaptabilidade e acessibilidade das suas escolas, formalmente – através da instalação de rampas, elevadores e casas de banho adaptadas – e ‘criativamente’ – quando as escolas e os colegas (principalmente) estão dispostos a ajudar em caso de dificuldades (quando o elevador está fora de serviço, por exemplo). São necessárias algumas melhorias para facilitar o acesso às saídas de emergência, a salas diferentes, como o ginásio e cantina, ou o acesso aos elevadores quando é necessária uma chave para os abrir. É importante garantir a segurança pessoal de todos os alunos.

Em terceiro lugar, a movimentação no interior da escola está a ser melhorada e facilitada. Os jovens reportaram a existência de corredores amplos e a presença de sinais em Braille em locais onde eram necessários. Os locais calmos e espaços multifuncionais nas escolas são vistos como um facilitador para todos os alunos, e estes devem ser implementados mais frequentemente. Os delegados indicaram que as aulas decorrem em salas de aula às quais todos os colegas podem aceder.

Por fim, as ajudas técnicas e materiais adaptados estão cada vez mais disponíveis e constituem um requisito para a inclusão.

Os jovens alunos salientaram que não existem soluções universais, pelo que é muito importante perguntar e respeitar as necessidades individuais. As escolas devem ser flexíveis e capazes de improvisar com alternativas. As instalações na escola devem cobrir as necessidades de todos os alunos.

Exemplos apresentados pelos delegados

Acessibilidade no caminho para a escola:

Os autocarros escolares têm de ser acessíveis. Todos os alunos têm de ser capazes de participar em todas as atividades, como desporto ... (Blake, Irlanda).

Transportes adaptados para alunos com deficiência física, mas os alunos cegos utilizam os transportes públicos tal como todos os outros alunos (Reinis e Georgs, Letónia; Lillý, Islândia; Elisabeth, Estónia).

Também temos a opção de apanhar um táxi, mas existe um orçamento limitado, pelo que apenas podemos apanhar um táxi um determinado número de vezes (Elisabeth, Estónia).



Acessibilidade na escola:

A escola é acessível aos alunos com deficiência física e aos utilizadores de cadeiras de rodas, por exemplo, rampas, elevadores, casas de banho acessíveis, etc. (Matteo, Itália; Georgios, Grécia; Lilly e Hrefna, Islândia; Rolf e Casper, Dinamarca; Dénes e Borbála, Hungria; Tom e Paul, Alemanha; Miguel Ângelo, Portugal; Kristina e Tova, Suécia).

Temos elevadores na nossa escola secundária, mas também existem muitas escadas. Quatro andares, e precisamos de uma chave para utilizar o elevador, o que complica muito o seu uso. A escola prometeu melhorar a situação (Eelis, Finlândia).

As barreiras físicas devem ser tidas em consideração quando os planos para a reconstrução de uma escola são elaborados. Deve ser atribuído dinheiro suficiente do orçamento (Robert, Reino Unido – Irlanda do Norte).

A minha escola tenta obter financiamento para eliminar as barreiras ainda existentes, mas é difícil (Natalia e Marcin, Polónia).

Como a minha escola foi reconstruída há dois anos, as condições são muito boas. Porém, ainda existe muito ruído, devido aos outros alunos, o que pode ser uma barreira física para mim (David, Portugal).

Existe um elevador, mas não se pode aceder ao edifício se estivermos numa cadeira de rodas (Jakob, Áustria).

Temos um elevador, mas as portas são difíceis de abrir (Paul, Alemanha).

Na minha escola, existem luzes nos corredores que piscam quando vamos para a sala de aula. Existem rampas e barras de apoio para pessoas com problemas de mobilidade ou em cadeiras de rodas. Os professores receberam formação para trabalhar com pessoas com dificuldades de aprendizagem. Também existe a logopedia para nos ajudar, para que possamos estudar da mesma forma que os nossos colegas (Javier, Espanha).

Um acompanhante está a ajudar-me na sala de aula. O elevador foi adaptado, uma vez que existem duas pessoas em cadeira de rodas na escola. Existem alguns riscos em caso de incêndio na escola. Um dia, houve um simulacro de incêndio e eu tive de descer e fui transportado por outros alunos, e tive muito medo (Lucas, Bélgica – Comunidade Flamenga).

Acessibilidade na sala de aula:

A escola está a utilizar Braille para os alunos cegos. Os materiais de aprendizagem são disponibilizados em Braille (Tova, Suécia; Reinis e Georgs, Letónia; Emili e Elisabeth, Estónia).

Tenho limitação auditiva. Como tal, tenho auscultadores que posso ligar para ouvir melhor. Os professores estão motivados para aprender sobre as diferentes deficiências, para nos ajudarem a superar os problemas (Lucía, Espanha).

Mochilas pesadas com livros também podem ser um fardo físico. Livros eletrónicos, computadores portáteis e tablets são a opção a seguir (Dénes, Hungria).



Figura 3. Os jovens delegados (Jack Love, Reino Unido – Irlanda do Norte; Blake O’Gorman, Irlanda; Nakita Hallissey, Irlanda; e Robert Gault, Reino Unido – Irlanda do Norte) expressam as suas opiniões



3. Quebrar os estereótipos

A terceira mensagem – *Quebrar os estereótipos* – envolve o conceito de ‘normalidade’. Se aceitarmos que somos todos diferentes, então quem é ‘normal’?

- Proporcionar aos professores, pessoal da escola, jovens, famílias e serviços de apoio informação fiável sobre as diferentes necessidades dos alunos é fundamental para promover o respeito mútuo e a tolerância.
- A diversidade deve ser vista como um facto positivo; um valor partilhado deve ser ‘encarar a deficiência como normal’.
- Todos são diferentes e todos devem ser aceites. A tolerância baseia-se em compreender os outros.
- A comunidade educativa tem de estar mais sensibilizada e ser mais tolerante para com as pessoas com deficiência.

É necessária boa informação – sobre o combate à discriminação e ao *bullying*, por exemplo – para garantir que esta importante ideia é aceite. É necessário dirigir informação relevante para professores, pessoal da escola – incluindo a direção –, colegas, familiares e quaisquer serviços envolvidos na escola, de modo a mudar atitudes.

O melhor resultado será o respeito mútuo e a tolerância. A diversidade não é um desafio, mas uma situação positiva e normal; a deficiência não é anormal; a tolerância baseia-se em compreender os outros. Os jovens salientaram que é preciso mudar as atitudes, para que sejam tidos em consideração pelo que **PODEM** fazer, e não devido à sua deficiência.

Exemplos apresentados pelos delegados

Aumentar a sensibilização:

A formação em matéria de combate à discriminação e ao bullying seria útil. Devemos ser tidos em consideração pelo que fazemos, e não pela nossa aparência física (Lucie, República Checa).

Os alunos sentem-se inseguros sobre como lidar com as deficiências. Sinto-me muito atacado e triste quando me sinto observado intensamente (Johannes, Alemanha).

É fácil estar contra as pessoas que não compreendemos. Devemos explicar como é ser cego, para dar às pessoas a oportunidade de nos compreenderem (Emelie, Suécia).

É necessário mais respeito e compreensão por parte dos professores. Os alunos com necessidades especiais não se devem sentir como marginais. Deve fazer-se com que todas as crianças se sintam parte do grupo (Jack, Reino Unido – Irlanda do Norte).

Há professores que pensam que, se formos surdos ou se tivermos uma deficiência, somos menos importantes do que os outros alunos. Devem ser formados para isto. Estar cientes de que somos iguais a todos os outros (Céline, Florence e Lara, Luxemburgo).

Penso que a sociedade tem de aceitar todos, tal como são. Não apenas relativamente à sua deficiência. Mas também relativamente ao seu sexo, à sua raça, aos seus passatempos. Penso que atingimos um bom nível de tolerância. No entanto, ainda existe trabalho a fazer. O melhor instrumento para lutar contra a discriminação é a tolerância. Precisamos de aumentar a sensibilização sobre as diferenças entre nós (Adrià, moderador, Espanha).

Organização de campanhas contra o bullying. Tentar comunicar e manter ligações com alunos com necessidades educativas especiais, convidando-os para eventos sociais e atividades (Agné e Kornelijus, Lituânia).

Precisamos de aumentar a sensibilização dos estudantes com incapacidade: outros alunos não sabem o que dizer e têm medo de insultar as crianças com deficiência. Os professores precisam de mais formação e as escolas precisam de mais apoio por parte das autoridades (Elisabeth, Estónia).

A comunicação é fundamental. Comunicação sobre o que foi feito de bom. Partilha de experiências. Conselhos especiais para alcançar a inclusão. Ajuda entre pares, voluntários nas salas de aula. Os professores devem ouvir os alunos e agir como pares (Derrick e Mark, Reino Unido – Escócia; Saul e Alexander, Reino Unido – Inglaterra).

Experiências positivas:

Às vezes, são organizadas 'aulas de tolerância'. A minha escola dá ênfase à igualdade de tratamento (Natalia, Polónia).

Os meus colegas brincam sobre a minha cegueira, e isso ajuda e faz com que as pessoas fiquem mais relaxadas. Por que é que as pessoas intimidam as outras? Não o fazem de propósito; tenho de aprender a não levar isso tão a sério (Tova, Suécia).

A atitude do professor ajuda muito (Isaac, Malta).

No início, não compreendia realmente as pessoas com deficiência. Mas com esta conferência, compreendo melhor como as pessoas com deficiência se sentem e as dificuldades que enfrentaram (Lara, Luxemburgo).

Sem bullying; uma boa escola para frequentar (Pinja, Finlândia).

Fazemos um projeto onde todos os alunos são vendados, para que possam compreender melhor a situação dos alunos cegos. Também tentámos utilizar bengalas, para permitir que cada estudante tentasse perceber a incapacidade dos outros (Emili, Estónia; Eelis, Finlândia; Reinis, Letónia).

Desde muito cedo, aprendemos que nem todos têm as mesmas origens. Como tal, não pensamos nas diferenças na sala de aula (Lilly, Islândia).

4. Diversidade é a mistura, inclusão é o que faz a mistura funcionar

A quarta mensagem centra-se num *slogan* utilizado por alguns jovens – *Diversidade é a mistura, inclusão é o que faz a mistura funcionar*:

- Devem todos centrar-se no que *pode* ser feito, e não no que não pode ser feito.
- A educação deve ser totalmente acessível, respeitando as necessidades de todos os alunos como base para uma educação de qualidade para todos.
- A cooperação entre professores e outros profissionais, assim como a provisão de boas oportunidades de formação, são fundamentais.
- A provisão do apoio humano e/ou técnico necessário por professores e colegas é essencial.

Os jovens salientaram o efeito positivo da implementação de medidas educativas, como planos individuais de educação, programas adaptados, utilização de ajudas técnicas, apoio fornecido pelos professores de apoio ou assistentes, trabalho em pequenos grupos, assim como a organização flexível dos exames (exames orais ou escritos, com, por exemplo, tempo adicional, etc.). Salientaram que o facto de disporem de mais tempo faz com que estejam sob menos tensão nos testes.

O principal pedido dos jovens foi para que os professores e outros funcionários se focassem sempre no que pode ser feito, e não no que não pode ser feito, e que os ajudassem e apoiassem. Prestar atenção às necessidades de todos os alunos envolve reforçar os pontos fortes e as competências, ao invés de se focar nos pontos fracos. Também indicaram que aprenderam que têm direito a obter ajuda,



se necessário. Uma educação totalmente acessível é a base para uma educação de qualidade para todos. Os jovens estavam cientes de que os professores, assim como os seus colegas, desempenham um papel fundamental no apoio que lhes é prestado. Os professores e os colegas precisam de mais informação e formação, a diferentes níveis, dependendo das respetivas funções. O resultado será um melhor apoio e compreensão das necessidades de aprendizagem.

Os jovens também salientaram a necessidade de uma melhor cooperação entre os professores, não apenas para disponibilizar o apoio necessário, mas também para garantir melhores fases de transição ao longo da sua educação.

Exemplos apresentados pelos delegados

Sugestões para os professores:

Os professores devem focar-se nos meus pontos fortes, e não nos meus pontos fracos (Michaela, República Checa).

Os professores devem tentar explicar as coisas de forma clara e prestar ajuda quando necessário, aprender juntos, em pares ou em grupos (Jakob e Til, Áustria; Kristina, Suécia).

Experiências pessoais:

Sinto que a minha escola me queria integrar, enquanto que outras escolas não. O professor de necessidades especiais ajudou muito (João, moderador, Portugal).

Existem experiências positivas e negativas com professores e colegas. Podem isolar-nos ou ajudar-nos. Ser 'interessante' para eles tem um impacto negativo nos meus estudos (Robert, Reino Unido – Irlanda do Norte).

É difícil dizer aquilo de que preciso, mas tenho de aprender a pedir e a conseguir o que preciso (Johannes, Alemanha).

Todos os professores e colegas ajudam e apoiam, e é por isso que gosto de ir à escola (Borbála, Hungria; Miguel Ângelo, Portugal).

Gostaria de dizer que passamos ótimos momentos na nossa escola, com os nossos colegas, assim como com os nossos professores (Georgia, Chipre).

A minha escola cuida muito bem de mim e está bem adaptada (Primož, Eslovénia).



Medidas de apoio:

Temos professores de apoio (Jakob, Áustria; Michaela, República Checa; Tom, Alemanha; Kristina, Suécia; Matteo, Itália; Dénes, Hungria).

Os professores esperam e dão tempo adicional, se necessário, a quem pedir. Existe uma sala especial para passar algum tempo, para relaxar (Nakita, Irlanda; Andrea e Isaac, Malta).

Os professores disponibilizam materiais diferentes, de acordo com as necessidades dos alunos. É fornecido tempo adicional, se necessário (Dénes, Hungria; Maros, Eslováquia).

Tenho um assistente na sala de aula que me ajuda a compreender e que me explica as aulas (Mathilde e Thelma, França; Jade e Lucas, Bélgica – Comunidade Flamengo).

São organizados exames orais em vez de exames escritos (Jade e Lucas, Bélgica – Comunidade Flamengo).

A escola tem uma impressora Braille especial, para que todos os testes sejam impressos em Braille (Georgs, Letónia).

Existe a possibilidade de dividir a sala de aula para criar zonas mais silenciosas (Casper, Dinamarca).

Salas de aula com 25 – 30 alunos, o que pode ser um pouco grande de mais para as minhas necessidades. Às vezes, o intérprete não percebe alguma coisa, mas os meus amigos explicam o que está a acontecer (Eelis, Finlândia).

Aumentar a sensibilização:

Penso que, por vezes, a deficiência é um pouco negligenciada. Falamos sobre deficiência sem saber o sofrimento que esta palavra esconde. Temos de nos colocar no lugar deles. As pessoas devem compreender e ajudar as pessoas com deficiência, para que possam viver uma vida melhor (Lorenzo, Itália).

A mensagem que eu gostaria de enviar é que, quando as pessoas sem deficiência percebem que estão rodeadas por pessoas com deficiência, querem cuidar delas, como se fossem seus irmãos ou irmãs (Matteo, Itália).

Uma melhor compreensão leva a menos bullying. A união impede o bullying (Lillý, Islândia; Elisabeth, Estónia).

Não devemos generalizar: se eu expressar uma necessidade, não significa que seja igual para todas as pessoas cegas (Tova, Suécia).



Figura 4. Entrevista com Darnell With, dos Países Baixos

5. Tornar-se cidadãos plenos

A quinta mensagem – *Tornar-se cidadãos plenos* – refere-se ao impacto que a educação inclusiva tem para uma inclusão total na sociedade:

- É essencial ser-se incluído nas escolas de ensino geral, de modo a estar incluído na sociedade.
- O objetivo é que consigam encontrar o seu lugar na sociedade.

Os jovens consideraram que todos os alunos têm de aprender juntos, de modo a viverem juntos. Afirmam que este é o primeiro passo no processo para a inclusão social. Quanto mais novos os alunos são quando são colocados juntos, melhor para a aprendizagem sobre o que é a tolerância mútua e o respeito pelas diferenças. Aprendem desde cedo a comunicar, a acolher e a partilhar experiências diferentes e a reconhecer os pontos fortes, em vez de se focarem nos pontos fracos. Na escola, aprendem a ser considerados na escola pelo que podem fazer, e não pela sua



deficiência ou pela sua aparência. Isto envolve não só a sua inclusão em programas educacionais, como também o seu envolvimento em todas as atividades de lazer. Os jovens indicaram que aprender juntos na escola irá permitir-lhes encontrar o seu lugar e ser incluídos na sociedade.

Exemplos apresentados pelos delegados

É fundamental que sejamos incluídos nas escolas de ensino geral, de modo a sermos incluídos na sociedade (Andrea e Isaac, Malta; Nathan e Loïse, Suíça; Mathilde e Thelma, França; Adriana e Mandy, Bélgica – Comunidade Francófona; Darnell e Vincent, Países Baixos; Jade e Lucas, Bélgica – Comunidade Flamenga).

Todos deveriam ter a oportunidade de participar em todas as aulas, e os professores deveriam ajudar a tornar isto possível, para ser muito mais fácil quando entramos no mercado de trabalho (Amund e Helene, Noruega).

Penso que devemos estudar juntos. Porque na sociedade, também estamos juntos. Se partilharmos a educação, aprendemos a viver juntos. Uma vez que é algo que adquirimos para toda a vida. Graças a estes recursos, aprendemos a ser autónomos. A ideia é que todos encontrem o seu lugar na sociedade (Adrià, moderador, Espanha).

Todos têm de comunicar, participar e partilhar experiências com outras pessoas (Paul, Alemanha).



COMENTÁRIOS FINAIS

Os resultados da Audição e as *Recomendações do Luxemburgo* estão alinhados e são complementares aos documentos oficiais europeus e internacionais relevantes na área das necessidades especiais e da educação inclusiva.

As cinco mensagens ilustram a descrição dos jovens sobre a sua educação, assim como as suas sugestões para uma melhoria. As mensagens descrevem – de uma forma muito concreta e prática – alguns conceitos levantados em muitos estudos sobre educação inclusiva. Os jovens destacaram a educação inclusiva como uma questão de direitos humanos e colocaram conceitos-chave, tais como normalidade, tolerância, respeito e cidadania, no centro dos seus debates. Também descreveram o que significa para eles o desenho universal, e por que motivo a tutoria/apoio dos pares, a aprendizagem cooperativa e os programas individualizados tinham um efeito positivo na sua educação.

Os jovens alunos afirmaram explicitamente que as suas vozes devem ser tidas em consideração em qualquer tomada de decisão que lhes diga respeito. Para alcançar a inclusão real, deve ser tomada uma verdadeira ação, em colaboração com todas as partes envolvidas. Os professores e diretores de escola devem trabalhar juntos para garantir a inclusão; os colegas devem ajudar-se uns aos outros; a formação de professores deve garantir que os professores sabem como facilitar a melhor educação a todos e como se apoiarem mutuamente; os professores de apoio devem ajudar, e não fazer o trabalho do aluno; e todas as partes devem centrar-se na resolução de situações, e não agir como se existissem problemas.

Os delegados salientaram que, embora se preocupem com detalhes práticos, as suas principais preocupações centram-se nas atitudes e na superação de preconceitos.

Reconheceram que, na maioria dos casos, os professores e os colegas são tolerantes e compreendem a sua deficiência, desde que tenham tempo para compreender a situação – as exceções são muito raras.

Deve ser dado ênfase ao aumento da sensibilização relativamente à deficiência, de modo a que as pessoas sejam informadas sobre as necessidades e os pontos fortes das pessoas com deficiência. É importante não generalizar. Só porque algo funciona para uma pessoa com uma deficiência, tal não significa que todos os alunos com deficiência sejam iguais.

Por fim, a inclusão não se refere apenas a pessoas com uma deficiência, mas também à inclusão de pessoas de diversas origens. Alguns jovens participantes indicaram que sofreram uma dupla discriminação, por serem portadores de uma



deficiência e pertencerem a um grupo cultural diferente do dos seus pares ou por terem origem imigrante.

As *Recomendações do Luxemburgo* foram apresentadas ao Conselho de Ministros durante a reunião 'Educação, Juventude, Cultura e Desporto', em 23 de novembro de 2015, e à Comissão de Educação em 2–3 de dezembro de 2015, para consideração e como base para possíveis ações futuras.



Figura 5. Participantes da Audição Europeia

PT

Secretariado:

Østre Stationsvej 33
DK-5000
Odense C
Denmark
Tel.: +45 64 41 00 20
secretariat@european-agency.org

Delegação em Bruxelas:

Rue Montoyer 21
BE-1000
Brussels
Belgium
Tel.: +32 2 213 62 80
brussels.office@european-agency.org

www.european-agency.org

